



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O PAPEL DA MÍDIA NA INFORMAÇÃO AMBIENTAL

Jane Magali Rocha Alves

Graduanda em Comunicação Social - UNISC

RESUMO: Este artigo tem o propósito de contribuir com algumas reflexões e questionamentos no que se refere ao uso da temática ambiental nos meios de comunicação. Enfatiza-se o papel dos meios de comunicação, em especial, a mídia impressa em informar, comunicar, alertar, instruir e educar a sociedade sobre esta temática, pois acredita-se que quando usada de forma ética, crítica, e coerente pode ser considerada como instrumento da educação ambiental. Sendo o Estado do Rio Grande do Sul o estado pioneiro na luta pelas questões ambientais, através de uma revisão literária e observações da realidade vivenciada pela mídia impressa gaúcha, verifica-se que alguns fatores influenciam e ou impedem uma melhor e mais consciente cobertura jornalística ambiental.

INTRODUÇÃO

Atualmente, as questões do Meio Ambiente ganham maior espaço dos órgãos informativos, seja, nos veículos televisivos, impresso ou internet, por vezes, ganha conotação errônea, duvidosa, sensacionalista pela veiculação de imagens distorcidas. Às vezes, essas distorções ocorrem por falta de conhecimento, outras vezes, intencionalmente em defesa de interesses da empresa ou mesmo de clientes patrocinadores que não seriam beneficiados pela divulgação de determinadas matérias.

A propaganda e a sociedade de consumo incentivam a consumir produtos, trocar o velho pelo novo....(HELENE, 1997)

Fala-se muito em desenvolvimento sustentável "desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes sem comprometer as gerações futuras", mas será que o

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



modelo de desenvolvimento vigente condiz com a proposta de desenvolvimento sustentável?

Os meios de comunicação, em sua maioria, propõem uma idéia que é conflitante com a idéia de proteção e respeito ao Meio Ambiente, estimulando valores insustentáveis de consumismo, desperdício, violência, preconceito, desrespeito entre outros.

Brügger afirma que a mídia globalizada vende "rupturas com o entorno" sendo que essas rupturas são enfatizadas pelo incentivo ao consumismo.

Segundo Santos, a história do homem sobre a terra caracteriza-se por uma progressiva ruptura entre o homem e o seu entorno (Santos apud BRÜGGER, 1998). Essas rupturas ocorrem, quando a natureza é substituída por espaços urbanos e tais rupturas, dentre outras, são expostas diariamente nas telas de tevês, invadindo a maioria dos lares.

Para Ramos (1996), "Os jornais e a televisão são a principal fonte de informação para expressiva camada da população, o papel desses veículos revela-se decisivo nos processos de formação de opinião sobre a problemática ambiental" (Ramos apud BRÜGGER, 1998).

Brügger considera a mídia uma parceira improvável da Educação Ambiental.

Portanto, urge refletir sobre o papel da mídia para a informação ambientalmente correta.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

A EVOLUÇÃO DO JORNALISMO AMBIENTAL NO RIO GRANDE DO SUL

O jornal Correio do Povo, em seu Suplemento Rural no período de 1957 a 1963, publicou 301 artigos assinados por Henrique Luís Roessler, (Fundador da primeira entidade de luta e defesa da natureza no Brasil-1955), sendo o primeiro periódico impresso a abrir espaço à cobertura ambiental no Estado.

A Folha da Tarde também tem um papel muito importante na difusão de notícias sobre meio ambiente. Fundada em abril de 1936, pela Companhia Caldas Júnior, junto com o Correio do Povo e a Folha da Manhã, seriam os principais responsáveis pela divulgação da temática e das lutas pela preservação ambiental na década de setenta. Era comum encontrar artigos assinados por ecologistas, principalmente por José Lutzenberger.

O jornal Zero Hora dedica espaço à cobertura ambiental a partir de 1974, também abriria, muitas vezes, cadernos especiais para cobrir tais assuntos.

A década de setenta foi a mais privilegiada com a cobertura pela imprensa, pois foi o período em que ocorreram as principais lutas e protestos dos ambientalistas gaúchos.

Nos anos oitenta, iniciam-se os enfrentamentos entre o Governo Estadual e as entidades ecológicas

Durante a Conferência Rio -92 a imprensa faz uma ampla cobertura, em parte pela sua importância em nível mundial. Segundo alguns ecologistas e jornalistas especializados, o espaço para o jornalismo ambiental diminuiu muito, após o término da Rio-92, mas na verdade o que ocorreu foi que a situação voltou ao normal.

No Rio Grande do Sul, surgem também os jornais ecológicos, normalmente ligados a organizações ambientais. Em Porto Alegre, além dos informativos mantidos por entidades, circulam também os produzidos por um núcleo de jornalistas especializados. Esses impressos surgem com o intuito de divulgar questões importantes que não recebem espaço ou não são abordadas de forma consciente pela grande imprensa. Compostos principalmente por matérias

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

assinadas, discutem as causas e conseqüências de determinados problemas, preocupando-se em explicar também suas formas de prevenção (NETHER,1998).



A QUESTÃO AMBIENTAL

À medida que a humanidade aumenta sua capacidade de intervir na natureza para satisfação de suas necessidades e desejos crescentes, impactos são causados ao meio em consequência da exploração exagerada dos recursos naturais e dos conflitos nas relações homem x homem e homem x natureza.

O homem sente-se cada vez mais "dono" da natureza e os próprios homens são explorados em razão deste domínio (Reigota, .apud ALVES et all, 2000).

O avanço tecnológico e a urbanização das populações sob o sistema capitalista trouxeram e geraram mitos benéficos, mas também sérios e pesados transtornos (Sachs, apud ALVES et all, 2000).

Se por um lado, algumas populações foram beneficiadas com a melhoria da qualidade de vida, por outro, uma maioria esmagadora sofre com a desigualdade socioeconômica e ambiental.

Existe uma dupla agressão nos ecossistemas: uma, a do consumo ostentatório, do desperdício, dos descartáveis, do lixo excessivo; a outra, a do subconsumo, das condições miseráveis de vida.

Assim, a questão Ambiental faz questionamentos diante do crescimento econômico sustentado sobre as desigualdades sociais.

Nesse contexto, temas como miséria, fome, condições subumanas de moradia, são temas tão ambientais quanto, poluição, devastação das florestas, biopirataria e extinção de espécies animais.

“Tratar a questão ambiental, portanto abrange a complexidade da ação humana...”(Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente e Saúde, 1997)

Portanto, a questão ambiental também é questão de cidadania.



NOÇÕES BÁSICAS PARA A QUESTÃO AMBIENTAL

Definições dos termos ecologia, ecologismo, consciência ecológica e meio ambiente são básicos para tratar das questões ambientais. O termo ecologia foi criado em 1866, por Ernest Haeckel, definindo-o como "Ciência do modo de vida dos organismos suas necessidades vitais e suas relações com os outros organismos". Em razão da popularidade do termo ecologia, difundiu-se o ecologismo, como sendo um movimento político-social que se propõe defender a natureza (BRANCO,1997)

Para alguns autores, o ecologismo é um tema ambíguo que se situa entre a ecologia moderna e a ecologia política. Sendo que a ecologia moderna trata de forma conservadora as relações sociedade-natureza, cuja preocupação é centrada, na conservação dos ecossistemas e na biodiversidade ou diversidade biológica (animais e vegetais), enquanto a ecologia política é um movimento sociopolítico que propõe a ação e a prática política no sentido de reagir e interferir no processo crescente de degradação ambiental e social.(GOMES,1998)

Para Leff, a consciência ambiental manifesta-se como uma angústia de separação e necessidade de reintegração do homem com a natureza. (Leff, apud REIGOTA,2001).

Observar os princípios éticos em benefício da sociedade é possuir uma consciência ecológica, ou melhor uma consciência ambiental.

O termo meio ambiente é definido por Ricklefs como o que circunda um organismo, incluindo plantas e animais, com os quais interage. No dicionário Francês de ecologia, é o conjunto de fatores bióticos (os seres vivos) ou abióticos (físico-químicos) do habitat suscetíveis de terem efeitos diretos e indiretos sobre os seres vivos e, compreende-se, sobre o homem.(Ricklefs apud REIGOTA,2001).

Para Piérre George, o meio ambiente é, ao mesmo tempo, uma realidade científica, um tema de agitação, o objeto de um grande medo, uma diversão, uma especulação. (Piérre George apud REIGOTA,2001).



ECOLOGIA NA IMPRENSA

A imprensa brasileira dificilmente trata dos problemas ambientais com profundidade e clareza na pauta da discussões públicas, geralmente ganham enfoques superficiais ou distorcidos, por vezes ganham destaque as "Ecocatástrofes", por meio do terrorismo de manchetes de uma "natureza na UTI.", isto é, ressaltam a ecologia sob a face do medo veiculado.

“Os meios de comunicação se interessam por superficialidades da luta ambiental, por passarinhos, etc. E não pelas questões de base, que são questões, digamos, transformadoras.” (Milanez, apud NETHER, 1998).

Santos reforça tal fato, quando declara ser "A mídia o grande veículo desse processo ameaçador da integridade dos homens virtualmente possível, pelo uso adequado de tantos e tão sofisticados recursos técnicos, a percepção é mutilada, quando a mídia julga necessário, através do sensacional e do medo, captar a atenção (...)"(Santos apud BRÜGGER, 1998).

ECOJORNALISMO OU JORNALISMO AMBIENTAL

O jornalismo ambiental é uma tendência irreversível na imprensa mundial, tem características diversas em cada região, considerado como sendo uma especialização do jornalismo, em que o "produto" em destaque é o meio ambiente.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

“O Jornalismo Ambiental é uma especialização do jornalismo, com todas as regras gerais da profissão. A reportagem de meio ambiente tem que ser ‘vendida’ como qualquer outra matéria.”
(VILLAR, Aliança é a Saída para Combater Censura Imposta pelo Ambientalismo Empresarial, 1997, p.31)

Fazer jornalismo ambiental é aplicar esse conceito, relacionando a ecologia e o meio ambiente com nossas vivências diárias. Bahia (1990, p.09), diz ser da natureza do jornalismo “*levar a comunidade, direta ou indiretamente, a participar da vida social*”



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

O JORNALISTA E O MEIO AMBIENTE

A principal dificuldade na cobertura ambiental é encontrar, em nossos veículos, profissionais especializados ou preparados para cobrir tal área. Esse é um problema que inicia na falta de preocupação por parte da direção dos jornais, passando a chefes de redação e editores mal-preparados.

A constatação mais marcante é que os jornalistas que fazem as matérias também não estão preparados. O repórter não consegue entender a relação entre os problemas ambientais e o seu meio. Hoje, a questão envolve temas muito mais complexos e, além de conhecer muito bem o meio em que vive, o jornalista precisa estar sempre se especializando.

“Um ecojornalista precisa estudar os temas, problemas e soluções para o meio ambiente. Sua função não é ser um ideólogo e sim um informante-educador. Para tanto precisa ser um intruso na área e um cético quanto às informações obtidas.”
(Bejzmam, apud NETHER,1998).

Segundo Bahia (1990) é papel desse profissional:

“...apurar, reunir, selecionar e difundir, notícias, idéias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação.”
(BAHIA, Jornal, História e Técnica: As Técnicas do Jornalismo, 1990, p.09)

O PAPEL DA MÍDIA IMPRESSA NA INFORMAÇÃO AMBIENTAL

Com base em informações de pesquisas realizadas a respeito do papel que deve ser desempenhado pela mídia impressa no que se refere à formação de cidadãos atentos às questões ambientais e conhecedores das causas e efeitos desses problemas, estimulando ações para enfrentá-los. Uma sociedade bem-informada exercerá mais plenamente sua

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

cidadania, buscando alternativas que propiciem melhoria da qualidade de vida na comunidade onde vive "pensar globalmente e agir localmente."

As empresas de comunicação de massa, destacando-se a mídia impressa, definida como sendo o conjunto formado por "revistas, jornais, folhetos, mala-direta, cartazes, outdoors, displays, catálogos e outros (Erbolato, 1986 p.214-Dicionário de propaganda e jornalismo). Esta exerce papel preponderante na prestação de informação correta, confiável e na formação de opinião. Para que possam desempenhar adequadamente seu papel, faz-se necessário que as empresas de mídia impressa assumam publicamente seus valores e filosofia, e que a questão ambiental faça parte destes, assumindo também ações responsáveis de forma ética, social e ambientalmente corretas nas comunidades nas quais estão inseridas, deve ainda incentivar e estimular a especialização de seus profissionais na área ambiental, disponibilizar espaço para as reportagens de cunho preservacionista, ecológico e ambiental.

A MÍDIA IMPRESSA GAÚCHA E OS FORMADORES DE OPINIÃO

Segundo pesquisa realizada por Lemos et al (1998) em duas das empresas gaúchas de mídia impressa anteriormente citadas (Zero Hora e Correio do Povo), referente ao perfil dos formadores de opinião

No tocante à importância dada pelos formadores de opinião em inserir conceitos ecológicos dentro de suas especialidades jornalísticas, verifica-se que a maioria dos respondentes (51,61%) demonstram certa preocupação em inserir tais conceitos em sua especialidade jornalística, constata-se também que estes julgam possuírem conhecimento específicos relacionados à questão ambiental (58,06%), ainda que a maioria acredite ser necessário obter mais conhecimentos sobre o tema (41,94%).

Quanto à liberdade de expressão para realizar reportagens referentes à questão ambiental (74,19%) dos respondentes acreditam ter liberdade de expressão relativa a tais questões, acrescidas de comentários como: "Liberdade relativa, desde que não fira

interesses.", "As empresas não costumam apoiar esses tipos de editoria, a não ser que a

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

questão não envolva interesses destas e de seus anunciantes". Percebe-se que essa liberdade, é uma liberdade vigiada, isto é, está firmemente ligada aos interesses das empresas de mídia e de seus anunciantes.

“A imprensa, ela faz o jogo dos poderes dominantes que são os donos da imprensa, dos meios de comunicação. Então, muitas denúncias que poderiam ser feitas cujos jornalistas conhecem e gostariam de divulgá-las, não são feitas porque ofenderiam interesses econômicos e políticos dos detentores de poder desse meio.” (Boff, apud NETHER ,1998)

REFLEXÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, verifica-se que as informações relativas ao meio ambiente na mídia impressa, como também o papel desenvolvido pelos formadores de opinião merecem uma avaliação dos profissionais atuantes em jornalismo ambiental, se realmente como agentes formadores de opinião estão contribuindo para o surgimento de uma nova sociedade, crítica, esclarecida, conscientizada e preocupada com as questões ambientais?

É oportuno refletir sobre a possível contribuição da mídia impressa na proteção ambiental e cidadania.

Questionar-se sobre o tipo de atitude que o meio ambiente espera dos jornalistas, nesta virada de século. O que um jornalista pode fazer pelo meio ambiente?

Deve o jornalista limitar-se apenas a escrever, informar, divulgar, alertar,...

Acredita-se que o jornalismo ambiental deva contextualizar o homem dentro da natureza, apresentando os problemas suas causas e conseqüências, sugerindo soluções, estimulando ações para que possam enfrentá-los. Contribuindo para a formação da cidadania ambiental. Portanto, estimular a solidariedade, justiça social, valorização da

1 Trabalho apresentado na Sessão de Comunicações – Temas Livres, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 03. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

vida, debater segurança e exclusão social, esses temas se relacionam com a vida pessoal e coletiva do homem, estimulam a formação de atitudes humanizadoras na preservação e na defesa do homem. Incentivando relações sociais de respeito à natureza, a si próprios e aos demais seres humanos.

Se é verdade que a destruição da natureza inicia no espírito dos homens, os jornalistas terão de mudar o seu próprio estilo de vida no processo de aprendizado do jornalismo ambiental. Melhorar a qualidade do jornalismo ambiental também passa pela educação ambiental dos jornalistas.

Considerando a importância das mídias ambientais na democratização e disseminação da informação ambiental, isto é, na educação

Nesse contexto, espera-se que as empresas de mídia impressa e os formadores de opinião consigam repensar e redefinir seus papéis frente a sociedade atual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ALVES, et al Educação Ambiental na Universidade Federal de Santa Maria In: IX Seminário de Educação Ambiental- Transversalidade em questão, 2000. Rio de Janeiro.

BAHIA, J. História e técnica: As técnicas do jornalismo. 4ª ed. São Paulo:Ática,1990.

BRANCO, S. M. Ecologia e Ecologismo In: Ecologia em debate, 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1997.

BRÚGGER, P. Mídia e Educação Ambiental: Uma Parceria Improvável In: VII Seminário de Educação Ambiental, Desafio do Século: Um apelo ético, 1998. Rio de Janeiro.

GOMES, L. S. A (Eco)lógica da gestão do Território do Turismo na Praia do Forte-Bahia. In: Turismo e Meio Ambiente v. 3-Fortaleza: UECE,1998.

HELENE, M. E. M. Eu consumo , tu consumes In: Ecologia em debate,2ª ed. ,São Paulo: Moderna, 1997.

LEMOS et a Perfil dos Formadores de Opinião relacionado às Questões Ambientais -



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Caso dos Jornais Zero Hora e Correio do Povo - Disponível em www.jornalismoambiental.jor.br/perfil.htm Acesso em 01.05.2002.

MEC- Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) : Meio Ambiente e Saúde, v.9-
Brasília: Secretaria de Educação Fundamental (SEF), 1997.

NETHER, J.I. Ecojornalismo Impresso- Análise do Jornalismo Ambiental em Porto Alegre, 1998. Monografia (Bel. Comunicação Social e Jornalismo)- Universidade Luterana do Brasil, 1998.

REIGOTA, M. Meio Ambiente e Representação Social, São Paulo, Cortez 2001-
(Questões da nossa época, v.41).

VILLAR, R. Aliança é a Saída para Combater Censura Imposta pelo Ambientalismo Empresarial. In: Relato do Laboratório Ambiental de Jornalismo Imprensa e Pantanal. Corumbá/MS, 1997.